

capítulo um

PAIS E FILHOS, UM RELACIONAMENTO VITAL PARA A FAMÍLIA



QUANDO PAULO ESCREVEU A CARTA AOS EFÉSIOS, estava em vigência no Império Romano o regime *pater potestas*. Nesse regime, o pai tinha o direito absoluto sobre os filhos.

Já nos anos, 1960, irrompeu com os *hippies* uma revolução que resultou em revolta contra toda autoridade estabelecida. A autoridade dos pais também foi afetada. A família ficou acéfala. A confusão se instaurou e muitas famílias perderam o referencial de autoridade e obediência. Naquele momento, os jovens romperam com a cultura prevalecente. Saíram de casa. Viveram em grupos nômades, abandonaram os estudos e desprezaram o trabalho e a religião.

Muitos desses jovens se perderam nos labirintos das drogas. Conduzida pela locomotiva dessa crise, veio a liberação sexual, movida pela flexibilidade da ética e o uso do anticoncepcional. A juventude perdeu seu ideal e abandonou suas trincheiras. Embalada pelo rock, a mergulhou de cabeça nas drogas, no sexo livre e no misticismo. Ao mesmo tempo em que curti os bens de consumo, também se perdia, confusa e sem parâmetros.

Essa crise ainda é imensa, com os pais correndo atrás de coisas e sacrificando relacionamentos. Eles oferecem conforto, educação e liberdade incondicional aos filhos, mas não têm tempo para eles. Sacrificam no altar do urgente o que é verdadeiramente importante, substituem presença por presentes, dão coisas para os filhos, mas não dão a si mesmos.

Se quisermos restaurar a família, precisamos voltar aos princípios de Deus. Ele instituiu a família e estabeleceu leis e princípios que devem regê-la. O relacionamento entre pais e filhos é amplamente ensinado e exemplificado nas Escrituras. Consideremos esse relacionamento à luz do ensino do apóstolo Paulo.

O dever dos filhos com os pais

Filhos, obedeei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. (Ef 6.1-3)

Martyn Lloyd-Jones, comentando o texto acima, menciona três motivos que devem levar um filho a ser obediente a seus pais.

A *natureza*. O apóstolo Paulo ordena: “Filhos, obedecei a vossos pais [...] pois isto é justo” (Ef 6.1). A obediência dos filhos aos pais é uma lei da própria natureza e o comportamento padrão de toda a sociedade. Os moralistas pagãos, os filósofos estóicos, a cultura oriental (chinesa, japonesa e coreana), as grandes religiões como confucionismo, budismo e islamismo defendem a obediência aos pais. A desobediência é um sinal de decadência moral da sociedade e um sinal do fim dos tempos (Rm 1.28-30; 2Tm 3.1-3).

A *lei* (Ef 6.2,3; Êx 20.12; Dt 5.16). Honrar é mais do que obedecer. Os filhos devem prestar não apenas obediência, como também demonstrar amor, respeito e cuidado pelos pais. É possível obedecer sem honrar. O irmão mais velho do filho pródigo obedecia seu pai, mas não o honrava. Ele tinha uma relação de obediência sem amor e sem comunhão, não se deleitava no pai nem aproveitava seus bens. Vivia como um escravo dentro da casa paterna. Há filhos que desonram os pais deixando de cuidar deles na velhice, outros só os honram depois que morrem, mandando flores para o funeral, mas durante a vida jamais lhes demonstraram respeito e amor.

Honrar pai e mãe é honrar a Deus (Lv 19.1-3). A desonra aos pais era um pecado tão grave entre o povo hebreu que a lei ordenava punir o infrator com pena de morte (Lv 20.9; Dt 21:18-21). Resistir à autoridade dos pais é insurgir-se contra a autoridade do próprio Deus, pois toda autoridade constituída procede de Deus (Rm 13.1). A Bíblia fala que José, filho de Jacó, obedeceu a seu pai mesmo sabendo que essa obediência poderia trazer-lhe graves problemas. Seus irmãos o odiavam, mas, mesmo assim, José foi ao encontro deles por ordem de seu pai (Gn 37.13). E, porque José honrou a seu pai, Deus o honrou.

Honrar pai e mãe traz benefícios (Ef 6.2,3). Paulo lista dois benefícios: prosperidade e longevidade. No Velho Testamento, as bênçãos eram terrenas e temporais, como a posse da terra. No Novo Testamento, nós somos abençoados com toda sorte de bênçãos espirituais em Cristo (Ef 1.3). Um filho obediente livra-se de grandes desgostos.

Quantos desastres poderiam ser evitados, quantos casamentos apressados deixariam de acontecer, quantas lágrimas deixariam de rolar, quantas mortes precoces deixariam de existir se os filhos dessem ouvido aos conselhos paternos.

A Bíblia nos mostra a vida de Sansão, um jovem cujos pais se preocuparam com sua criação antes mesmo de ele nascer. O nascimento de Sansão foi uma milagre, sua vida um portento, mas sua morte

foi uma tragédia. Esse jovem era um gigante na força física, mas um nanico na área da pureza moral. Por deixar de ouvir o conselho dos pais e não honrar os compromissos assumidos com Deus, morreu cego, humilhado e escarnecido pelo inimigo.

Quantos desastres seriam evitados se os filhos se acautelassem acerca da sedução das drogas, do sexo ilícito, do namoro indecoroso, dos amigos de programas duvidosos (Pv 1.10). A obediência aos pais é um muro protetor. Aqueles que saem dessa cidadela expõem-se aos ataques mortais do inimigo.

Paulo ordena: “Filhos, obedeei a vossos pais no Senhor [...]” (Ef 6.1). Em Colossenses 3.20, o apóstolo escreve que os filhos devem obedecer aos pais *em tudo*. Mas, em Efésios 6.1, Paulo delimita a questão dizendo que os filhos devem obedecer aos pais “no Senhor”. Ele está ensinando que os filhos, por causa do relacionamento que têm com Cristo como seus servos, devem obedecer a seus pais. Em Cristo, a família é levada à plenitude de seu propósito original. Nossos relacionamentos familiares são restaurados, são purificados do egocentrismo nocivo, porque estamos no Senhor. Os filhos aprendem a obedecer aos pais porque isso é agradável ao Senhor (Cl 3.20).

O dever dos pais com os filhos

E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor. (Ef 6.4)

Mediante o *pater potestas*, o pai já possuía poder absoluto e irrestrito. Naquele regime, o pai podia não só castigar os filhos, mas também vendê-los, escravizá-los, abandoná-los e até matá-los. Sobretudo, os fracos, doentes e aleijados tinham poucas chances de sobreviver.

Paulo ensina, entretanto, que o pai cristão deve imitar outro modelo. Ele exorta os pais não a exercer a autoridade, mas a contê-la. A paternidade é derivada de Deus (Ef 3.14,15; 4.6). Os pais humanos devem cuidar dos filhos como Deus Pai cuida de sua família. O apóstolo Paulo faz uma dupla exortação aos pais. Vejamos.

As exortações negativas

Nas exortações negativas, o apóstolo ordena: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira [...]” (Ef 6.4). A personalidade da criança é delicada e os pais podem abusar de sua autoridade, usando ironia e ridicularização. O pai não pode abusar dos filhos, nem ser bonachão e complacente. O excesso e a ausência de autoridade provocam a ira nos filhos e lhes causam desânimo (Cl 3.20). Cada filho é uma pessoa peculiar que precisa ser respeitada na sua individualidade. Veja os casos em que os pais certamente provocam os filhos à ira:

Excesso de proteção. Os pais que tentam manter seus filhos sempre debaixo das asas, protegendo-os

excessivamente, impedem que sejam preparados adequadamente para as adversidades da vida. Os filhos são como flechas carregadas nas mãos do guerreiro (Sl 127.4). Os pais também carregam os filhos, na mente, no ventre, nos braços, no bolso. O guerreiro não carrega as flechas o tempo todo. As flechas existem para ser atiradas e, muitas vezes, atiradas para longe. Não os criamos para nós, criamo-los para a vida. O guerreiro não desperdiça flechas. Ele as atira em um alvo específico. Os pais devem preparar os filhos para viverem para a glória de Deus, não para satisfazerem capricho ou sua vaidade.

Os pais devem agir como a águia. Ela protege seus filhotes dos predadores, fazendo o ninho no alto dos penhascos. Mas, quando chega o momento de sair do ninho, a águia o sobrevoa, mostrando-lhes seu exemplo. Se não atendem a esse apelo, ela tira a penugem do ninho e deixa expostos os espinhos. Se os filhotes rejeitam até mesmo essa disciplina, a águia os arranca do ninho, tirando-os de lá com as próprias garras possantes e os atira ao chão. Antes de o filhote se espatifar ao chão, a águia o toma e o leva novamente para as alturas. Ela faz isso até que o filho aprenda a voar sozinho. Os pais que tentam blindar suas crianças e colocá-las em uma redoma existencial prestam um desserviço aos filhos e os provocam à ira.

Agir com favoritismo. Nada pode ser mais prejudicial aos filhos do que os pais preferirem um em detrimento

do outro. Isaque e Rebeca cometeram esse grave erro e acabaram jogando um irmão contra o outro. Esaú e Jacó foram concebidos ao mesmo tempo, no mesmo ventre. Embora gêmeos, eles cresceram como inimigos e o ódio que foi inoculado em seus corações pela inabilidade dos pais perdurou por mais de dois mil anos entre os seus descendentes. Embora os filhos sejam diferentes e a abordagem a cada um deva ter nuances diferentes; o amor, o cuidado e a disciplina devem ser ministrados na mesma medida.

Pais destemperados. Os pais provocam os filhos à ira quando não temperam disciplina com encorajamento. As duas coisas são necessárias. Disciplina sem encorajamento produz filhos revoltados; encorajamento sem disciplina produz filhos mimados. Há pais que exigem tanto dos filhos que estes ficam desanimados e irritados. É comum a seguinte cena: A criança, ao voltar da escola, exultante de alegria pelo sucesso em uma prova, diz ao pai: “Papai, consegui tirar 9,0 na prova de matemática!” E o pai, sem qualquer sensibilidade, responde: “E quando você vai tirar 10,0?” Uma atitude assim pode levá-la a pensar que nunca poderá agradar os pais. Devemos amar nossos filhos não apenas por seu desempenho, mas por quem eles são. O pai do filho pródigo correu ao seu encontro, o abraçou e beijou, restaurou-lhe a honrosa posição de filho e mandou celebrar uma festa mesmo depois de esse filho ter dissipado seus bens e voltar todo maltrapilho. O amor dos

pais deve ser incondicional. Nossos filhos precisam de disciplina, mas também de colo. Precisam de palavras firmes, mas também de encorajamento.

Não reconhecer a diferença entre os filhos. Há pais que exigem o mesmo desempenho escolar entre irmãos, algo quase impossível. Podem exigir o mesmo esforço, mas não o mesmo desempenho. Cada criança é um universo único e singular, com capacidades diferentes e diferentes reações diante das circunstâncias. Quando comparamos um filho com outro e exigimos que pensem, falem, sintam e façam tudo da mesma maneira, isso os provoca à ira o que é uma violação de sua individualidade.

Deixar de dialogar. O divórcio não é uma realidade apenas entre marido e mulher, mas também entre pais e filhos. O diálogo já se tornou um cadáver em muitas famílias. Há muitos lares em que os filhos não têm mais acesso aos pais, não são amigos nem confidentes dos pais. Há muitas famílias em que as pessoas se comunicam dentro de casa apenas pelo telefone celular. Há pais que são verdadeiros sarcófagos existenciais; totalmente fechados e incomunicáveis. Há muitos pais semelhantes a Davi, – choram tarde demais. Choram porque deixaram de conversar, de perdoar, de restaurar os relacionamentos quebrados.

Pais ásperos nas palavras e rudes nas atitudes. A violência, verbal e física, é hoje uma das realidades mais

chocantes na família. Abundam os casos de pais matando filhos e filhos matando pais. São muitos os casos de abuso sexual e de assombroso cárcere emocional. Há aqueles que não têm limites na disciplina e confundem disciplina com espancamento, outros achatam a auto-estima dos filhos, despejando sobre eles ameaças e maldições. Essas atitudes mesquinhas e truculentas abrem feridas na alma, destroem a vida emocional e provocam à ira.

Pais incoerentes. Há pais que provocam os filhos à ira sendo exigentes com eles e complacentes consigo mesmos. Impõem padrões rígidos de comportamento, mas vivem de forma desordenada. Os pais ensinam com exemplos e não apenas com palavras. O exemplo não é apenas uma forma de ensinar, mas a única forma eficaz de fazê-lo.

As exortações positivas

O apóstolo Paulo também faz exortações positivas (Ef 6.4). Assim, os pais devem ter quatro cuidados especiais com os filhos:

Cuidar da vida física e emocional dos filhos. A palavra grega *ektrepho*, “criar”, significa nutrir, alimentar. É a mesma palavra que aparece na Carta aos Efésios (Ef 5.29). João Calvino traduziu essa expressão assim: “Sejam acalentados com afeição” e William Hendriksen: “Tratai deles com brandura”. As crianças precisam de segurança, limites, amor e encorajamento. Os filhos precisam

não apenas de roupas, remédios, teto e educação, mas também de afeto, amor e incentivo.

Treinar os filhos por meio da disciplina. A palavra grega *paidéia*, “disciplina”, significa treinamento por disciplina. Disciplina por meio de regras e normas, recompensas e, se for necessário, castigo (Pv 13.24; 22.15; 23.13,14; 19.15). Só pode disciplinar (fazer discípulo) quem tem domínio próprio. Que direito tem um pai de disciplinar o filho se ele mesmo está precisando ser disciplinado?

Encorajar os filhos através da comunicação verbal. A palavra grega *nouthesia*, traduzida como “admoestação”, significa educação verbal. Educar por meio da palavra falada é advertir e estimular.

Ser responsáveis pela educação espiritual dos filhos. A expressão “no Senhor” revela que os responsáveis pela educação cristã dos filhos não são a escola nem mesmo a Igreja, mas os próprios pais. Por detrás dos pais está o Senhor. Ele é o mestre e o administrador da disciplina. A preocupação básica dos pais não deve ser apenas a de que seus filhos se submetam, mas que conheçam ao Senhor (Dt 6.4-8).

Os princípios que acabamos de examinar foram escritos há quase dois mil anos. Eles não são regras arcaicas que caíram em desuso com o tempo. São princípios imutáveis de Deus que devem mesmo hoje reger as famílias. A Palavra de Deus jamais ficará obsoleta. Jamais perderá sua atualidade e pertinência. Nossa

sociedade está assistindo, estarecida, ao colapso da família porque sacudiu de sobre si o jugo de Deus. A família está em crise porque arrancou os marcos dados por Deus e os substituiu por uma ética débil circunstancial. Deus não só criou a família, como também estabeleceu princípios que devem regê-la. Se observarmos esses parâmetros divinos, desfrutaremos de uma vida familiar abundante, superlativa e maiúscula.